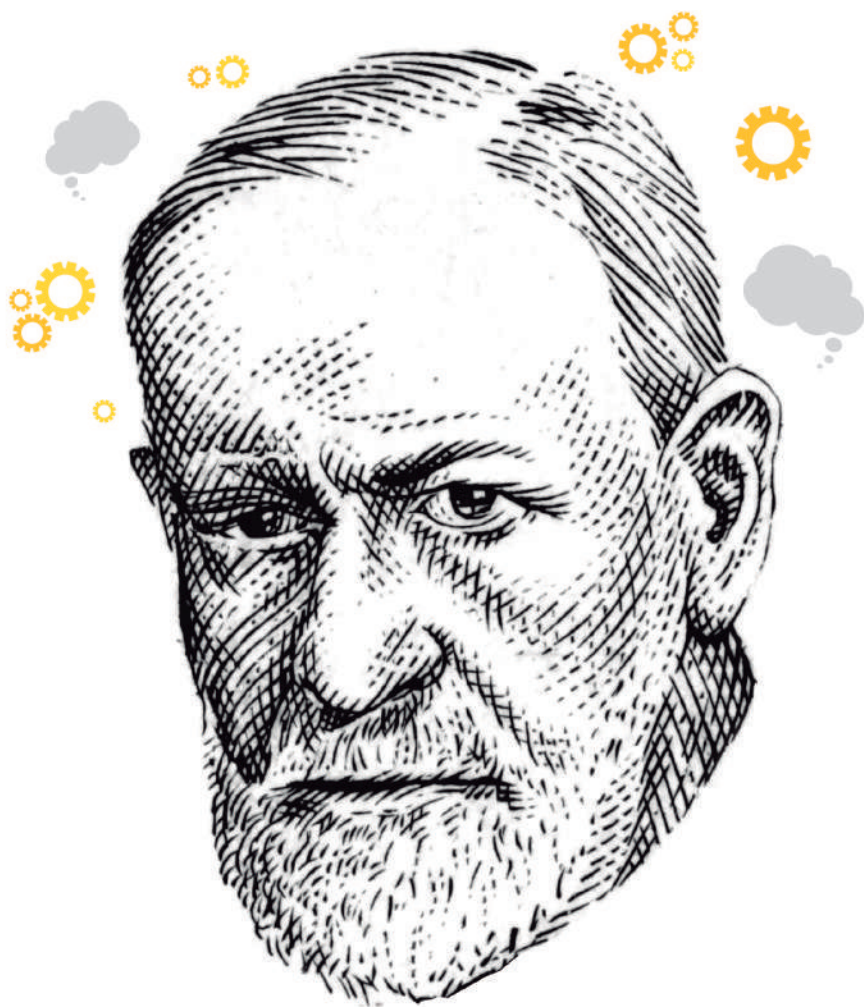


DANIEL SMITH

Autor de *Pensar como Steve Jobs* e *Pensar como Einstein*









Pensar como
SIGMUND FREUD





BIOGRAFIA INSPIRADORA DO PAI DA PSICANÁLISE,
UM DOS GRANDES PENSADORES DO SÉCULO XX

v o g a i s

Para a Rosie, a Lottie e o Matt

ÍNDICE

Introdução.....	9
Cronologia de uma Vida Notável.....	15
Comece Cedo a Fazer Planos para a Grandeza	19
 <i>Poder ao Outsider</i>	23
Os Heróis de Freud.....	27
Descubra a Sua Verdadeira Esfera de Interesse	32
 <i>Escolha o Caminho Menos Percorrido</i>	36
Ganhe Reconhecimento.....	39
Saiba Reconhecer um Beco Sem Saída	43
Está Tudo na Mente	47
 <i>Estudo de Caso: Anna O.</i>	52
Recuperando o Inconsciente	56
 <i>O Ego, o Superego e o Id</i>	61
Ninguém Gosta de Si como Você.....	66
Ponha-se Confortável	69
 <i>Derrube as Barreiras</i>	74
Médico, Cura-te a Ti Mesmo	77
Atreva-se a Sonhar	81
 <i>Estudo de Caso: Dora</i>	85

Obter o Que Se Deseja	89
Um Charuto não é Apenas um Charuto	93
O Sexo Está por Todo o Lado.....	98
 Os Estádios-Chave da Sexualidade.....	102
O Complexo de Édipo	108
 Estudo de Caso: o Pequeno Hans.....	114
Homem de Ciência?.....	119
Ler como Freud	127
Uma Questão de Vida e Morte	133
 A Agonia da Existência	137
A Fêmea da Espécie	141
Cuidado com a Língua	149
Quando É Que Uma Piada Não É Uma Piada?	154
A Sociedade Contra o Eu	159
Freud e a Guerra	165
Construa um Movimento.....	172
O Nosso Amigo, o Inimigo.....	182
 Freud Contra Jung.....	186
A Vida É Equilíbrio: Prazeres e Passatempos	190
Freud e Religião.....	197
Saia de Cena à Sua Maneira	203
Deixe um Legado	208
Bibliografia Seleccionada.....	213

INTRODUÇÃO

«Sigmund Freud era um romancista com formação científica. Só não sabia que era romancista. E todos esses malditos psiquiatras que vieram depois dele também não sabem que ele era um romancista.»

JOHN IRVING IN *WRITERS AT WORK:*
THE PARIS REVIEW INTERVIEWS, 1988

De todos os protagonistas da série *Pensar Como*, Sigmund Freud é, talvez, o mais enigmático. Como pai da psicanálise, ofereceu ao mundo uma concepção científica do inconsciente e encorajou-nos a explorar os recônditos mais obscuros da mente humana através da análise dos nossos sonhos e do fluxo dos nossos pensamentos. Também foi responsável por uma mudança de fundo nas atitudes para com as doenças mentais. Às pessoas que, em tempos, teriam sido ostracizadas e vistas como indivíduos fisiologicamente danificados, moralmente degenerados ou até agentes do demónio, Freud ofereceu a possibilidade de

encontrarem as causas das suas perturbações psicológicas e de as tratarem.

Também foi um iconoclasta brilhante, que questionou as ortodoxias instaladas e derrubou muitas das «verdades» instaladas. Um *outsider* nato, enfrentou sem medo as elites sociais e a complacência intelectual. Além disso, as suas ideias passaram para a cultura geral. Estão presentes nos filmes, na televisão, na música e na literatura. São ensinadas em salas de aula e salões de conferências. Foram até incorporadas na linguagem que usamos. É graças a Freud que apimentamos a nossa fala quotidiana com expressões como «inconsciente», «ego», «libido», «complexo de Édipo», «inveja do pénis», «atos falhados», «divã do psiquiatra»... E a lista continua. De facto, Freud é um dos raros indivíduos cujo nome ganhou o estatuto de adjetivo.

Não é exagero dizer que o trabalho de Freud está na origem de conceitos que nos permitem olhar para o mundo de forma diferente. Redirecionou o nosso olhar do mundo e das suas construções — o universo, a sociedade, a teologia — para o mundo interior — o das nossas psiques. Vale a pena referir que a janela por cima da escrivaninha de Freud tinha um espelho que lhe permitia olhar para si próprio ao mesmo tempo que olhava para o mundo exterior. O psicólogo e estudioso de Freud, John Kihlstrom, disse: «Mais do que Einstein ou Watson e Crick, mais do que Hitler ou Lenine, Roosevelt ou Kennedy, mais do que Picasso, Elliot ou Stravinsky, mais do que os Beatles ou Bob Dylan, a influência de Freud na cultura moderna foi profunda e duradoura.»

Contudo, o seu legado é misto. Desde a sua morte, em 1939, o imaginário freudiano foi definitivamente ultrapassado

pelo progresso científico. Muito do que tinha a tendência para se apresentar como verdade científica passou a ser visto como especulação, opinião ou conjetura. Conceitos tão fundamentais como o id, o ego e o superego, o modelo freudiano de desenvolvimento psicosssexual e as suas teorias sobre a interpretação dos sonhos foram, em grande medida, desacreditados. Como fez notar Albert Einstein a propósito de Freud: «Tinha uma visão aguçada; não se deixava levar por nenhuma ilusão a não ser uma fé exagerada nas suas próprias ideias.» Assim, hoje em dia, as teorias de Freud raramente são diretamente aplicadas na prática clínica. Contudo, o seu papel na exploração científica da mente não deve ser desvalorizado. Embora muito do seu trabalho se tenha revelado incompleto e, por vezes, até errado, aportou uma nova energia ao estudo científico da psique, abrindo caminho a desenvolvimentos posteriores de que hoje somos beneficiários. Nas palavras do seu mais recente biógrafo, Adam Phillips, Freud «mostra-nos como somos criativos quando se trata de nos desconhecermos a nós próprios».

Convém, pois, pensar em Freud não como um cientista no sentido atual do termo, mas como um ícone cultural. O ilustre crítico literário Harold Bloom disse em 2006:

Sigmund Freud persiste ainda hoje, mas não como um cientista ou médico. O falecido Francis Crick observou que Freud era um médico vienense que escrevia em boa prosa. Embora seja divertido, não é adequado. A importância de Freud provém das qualidades que partilha com Proust e Joyce: intuição cognitiva, esplendor estilístico e sabedoria.

A vida de pessoal de Freud, por seu lado, foi complexa e fascinante. Era uma figura com várias contradições internas — um ateu fortemente influenciado pelo seu judaísmo, um grande amigo até se tornar no mais feroz dos inimigos, um homem que ansiava por fama e riqueza, mas que se ressentia das obrigações por estas impostas. O seu casamento durou cinco décadas, mas há indícios de desvios extraconjugais (embora mantendo as coisas «dentro da família»). A vida profissional, contudo, obrigou-o a uma introspeção profunda. Em 1905, escreveu: «Ninguém que, como eu, conjura com os mais malévolos demónios semi-domesticados que habitam no animal humano e tenta combatê-los pode esperar sair dessa luta ileso.» A natureza do trabalho que realizava obrigava-o a revelar algo de si ao mundo — era, afinal, o sujeito de muitos dos seus artigos — mas foi um famoso crítico do género biográfico e um feroz guardião da própria privacidade. Chegar ao «verdadeiro» Freud é, por isso, um desafio sempre estimulante.

Este livro estuda, obrigatoriamente, muitas das «grandes ideias» mais inovadoras lançadas por Freud durante a sua vida. Contudo, não pretende substituir a leitura das suas obras. Aliás, muitas delas são de leitura muito fácil e agradável. Freud recebeu, em 1930, o prémio Goethe de literatura pelo seu «estilo claro e impecável» — um galardão que o enfiou por reconhecer a qualidade da sua escrita em vez da sua visão científica. Este volume pretende apenas descobrir Freud, o homem — a sua personalidade, fontes de inspiração, motivações, ideias e métodos.

Começo por citar uma passagem escrita por Freud em 1932, na introdução a um livro que propunha um estudo

psicológico do antigo presidente americano Woodrow Wilson. Dir-se-ia que podia estar a escrever sobre si próprio.

Os loucos, os visionários, os alucinados, os neuróticos e os alienados sempre desempenharam papéis importante na história da Humanidade, e não apenas quando o acidente do seu nascimento lhes deu a soberania. Geralmente, causaram grandes estragos; mas nem sempre. Eles exerceram uma influência considerável sobre a sua época e sobre as que se lhe seguiram, lançaram importantes movimentos culturais e fizeram grandes descobertas. Fizeram-no, por um lado, graças à parte intacta da sua personalidade, isto é, apesar das suas anomalias. Por outro lado, muitas vezes, foram precisamente os traços patológicos do seu caráter, a assimetria do seu desenvolvimento, o reforço anormal de certos desejos e o abandono sem reservas nem discernimento a um único fim que lhes deram a força para arrastar outros atrás de si e vencer a resistência do Mundo.

CRONOLOGIA DE UMA VIDA NOTÁVEL

1856	Sigismund Freud nasce a 6 de maio de 1856 em Freiberg, Morávia, no Império Austríaco.
1860	A família Freud muda-se para Viena, após uma breve estadia em Leipzig.
1865	Sigismund começa a frequentar o liceu de Leopoldstadt.
1873	Freud é persuadido a estudar medicina na Universidade de Viena depois de ouvir um ensaio atribuído a Goethe, <i>A Natureza</i> .
1876	Começa a trabalhar no laboratório de Ernst Brücke.
1881	Freud termina o curso de medicina após oito anos.
1882	Torna-se noivo de Martha Bernays.
1883	Freud aceita uma posição na clínica psiquiátrica de Theodor Meynert.
1884	Dá início a uma investigação sobre as propriedades medicinais da cocaína.
1885	Jean-Martin Charcot é o mentor de Freud no Hospital da Salpêtrière, em Paris, onde o introduz à prática da hipnose.
1886	Freud monta um consultório particular e casa-se com Martha Bernays.
1887	Nasce a sua primeira filha, Mathilda. Freud torna-se amigo de Wilhem Fliess.

1889	Nasce o seu segundo filho, Jean-Martin.
1891	Freud publica o seu primeiro livro, <i>A Interpretação das Afásias</i> . Nasce Oliver.
1892	Nasce o seu quarto filho, Ernst.
1893	Nasce Sofia.
1895	Freud e Josef Breuer publicam <i>Estudos sobre a Histeria</i> . Nasce Anna.
1896	Morre o seu pai, Jacob. Freud usa pela primeira vez o termo «psicanálise».
1897	Freud dá início a um processo de autoanálise que dura três anos.
1899	Publica <i>A Interpretação dos Sonhos</i> .
1900	Começa a tratar «Dora».
1902	É fundada a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, sediada na casa de Freud, em Viena.
1904	Freud dá início à correspondência com Eugen Bleuler.
1905	Publica <i>As Piadas e a sua Relação com o Inconsciente, Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade e Fragmento de Análise de um Caso de Histeria</i> (sobre a análise de «Dora»).
1907	Freud conhece Carl Jung.
1908	O primeiro congresso internacional sobre a psicanálise tem lugar em Salzburgo.
1909	São publicadas as obras <i>Análise de uma fobia num menino de cinco anos</i> (o «Pequeno Hans») e <i>Observações Sobre um Caso de Neurose Obsessiva</i> (o «Homem dos Ratos»). Freud viaja para os Estados Unidos com Jung e Sándor Ferenczi.
1910	Estabelece-se a Associação Psicanalítica Internacional. Publica <i>Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci</i> .
1911	Corta relações com Alfred Adler.
1912	Fundação da revista <i>Imago</i> . Tem uma desavença com Wilhelm Stekel.
1913	Freud publica <i>Totem e Tabu</i> .

CRONOLOGIA DE UMA VIDA NOTÁVEL

1914	Publica <i>O Moisés de Miguel Ângelo, Introdução ao Narcisismo</i> e <i>A História do Movimento Psicanalítico</i> . Jung desentende-se com Freud. Começa a 1. ^a Guerra Mundial.
1915-1917	Freud dá as suas <i>Conferências Introdutórias à Psicanálise</i> na Universidade de Viena, posteriormente publicadas.
1917	Publica <i>Luto e Melancolia</i> .
1918	Publica <i>História de uma Neurose Infantil: O Homem dos Lobos</i> .
1920	Publica <i>Para além do Princípio do Prazer</i> , em que é introduzido o conceito de «pulsão de morte». Morre Sofia, filha de Freud.
1921	Freud publica <i>Psicologia de Grupo e a Análise do Ego</i> .
1923	É-lhe diagnosticado um cancro no maxilar e no palato. O seu neto, Heinz, morre. Publica <i>O Ego e o Id</i> .
1925	Publica <i>Um Estudo Autobiográfico</i> .
1927	Publica <i>O Futuro de uma Ilusão</i> .
1930	Freud publica <i>A Civilização e os seus Descontentamentos</i> . Morre a sua mãe, Amalia.
1933	Publica <i>Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise e Porquê a Guerra?</i> , uma correspondência entre Freud e Albert Einstein. As obras de Freud são queimadas na praça pública na Alemanha Nazi.
1938	A Alemanha anexa a Áustria. A casa de Freud e a sede da Associação de Psicanálise em Viena são alvo de rusgas e Anna Freud é presa pela Gestapo. Freud emigra para Londres com a restante família.
1939	Freud morre, a 23 de setembro. É publicado <i>Moisés e Monoteísmo</i> .
1940	É publicada a obra inacabada <i>Um Esboço de Psicanálise</i> .
1951	Morre Martha Freud.

Comece Cedo a Fazer Planos para a Grandeza

«Um homem que tenha sido, indiscutivelmente, o filho preferido da sua mãe mantém, ao longo da vida, a convicção de ser um conquistador. É essa confiança no êxito que, muitas vezes, determina o sucesso.»

SIGMUND FREUD, 1917

Sigismund Schlomo Freud nasceu a 6 de maio de 1856 na cidade de Freiberg, na Morávia, então parte do Império Austro-Húngaro (hoje, Freiberg chama-se Příbor e fica na República Checa). Era o primeiro filho do casamento de Jacob Freud, um modesto negociante de lãs, e de Amalia Nathansohn. Jacob era consideravelmente mais velho do que a mulher e já havia sido casado anteriormente. Era já pai de duas crianças e viria ter outras seis com Amalia.

Um ano após o nascimento de Sigi (como a família lhe chamava), nasceu o irmão, Julius. Julius suscitou ciúme e ressentimento ao irmão mais velho, e a sua morte, em 1858, provocaria em Freud sentimentos de culpa que se arrastariam ao longo de anos. No entanto, mais tarde, Freud veria nesses primeiros anos em Freiberg um período de tranquilidade e felicidade. Em 1931, escreveu a propósito de Freiberg: «De uma coisa estou certo: dentro de mim, embora escondida, continua a viver essa criança feliz de Freiberg, o primogénito de uma mãe jovem, o rapaz que recebeu deste ar e deste solo os primeiros traços indelévelis.»

Contudo, este tempo de paraíso não duraria muito. Com o negócio de Jacob em apuros, a família mudou-se para Leipzig em 1859 e para Viena no ano seguinte, quando Sigi tinha quatro anos de idade. Viena era uma das grandes capitais da Europa e atingia, então, o auge do seu poder, mas Freud achou-a triste e pouco acolhedora. Ressentiu-se particularmente pela corrente subreptícia de antissemitismo que se avolumava durante este período. Embora os pais não fossem judeus muito praticantes, Freud experienciou pela primeira vez a animosidade de estranhos relativamente à sua ascendência judaica. Esta circunstância teve enorme impacto sobre o resto da sua vida pessoal e profissional.

Os sentimentos de Freud para com Viena também foram coloridos pela pobreza penosa em que os Freud viveram durante grande parte da sua estadia. Apesar dela, por ser o favorito da sua mãe, o jovem Sigi gozava de um nível de vida melhor do que o dos seus irmãos. Ela chamava-lhe «o meu Sigi de ouro» e punha de parte para ele o melhor do pouco que havia. Em 1866, por exemplo, de entre os dois adultos e sete crianças, Sigi era o único com um quarto só para si, e enquanto as outras crianças se contentavam com velas, ele tinha direito a uma lanterna a gás.

Em parte, isto explicava o porquê de Freud se revelar, já nessa altura, um estudante extraordinário. Depois de ter tido aulas em casa, entrou no liceu alemão Leopoldstädter Communal Gymnasium e foi o melhor aluno durante os sete anos em que o frequentou. Também era astucioso na escolha de amigos, gravitando junto de colegas que o podiam ajudar com os estudos. Entre estes encontrava-se Heinrich Braun, que, a seu tempo, deixaria também a sua marca no mundo como um eminente político social-democrata. Freud, Braun,

outro rapaz, Eduard Silberstein, e três irmãos de apelido Fluss formaram o *Bund*, um grupo de discussão que se reunia regularmente num café da vizinhança para ponderar importantes questões sobre a vida, o universo e tudo o mais. Os Fluss também contribuíram para a educação de Freud ao apresentá-lo à sua mãe e irmã, das quais Freud se tornou próximo. Desempenharam, sem dúvida, um papel importante no desenvolvimento da pormenorizada teoria da sexualidade que viria a desenvolver mais tarde, no decurso da sua carreira.

Amalia, entretanto, fazia tudo o que podia para facilitar a vida do seu menino de ouro. A irmã mais nova de Freud, Anna, lembrar-se-ia mais tarde de como o piano em que estava a aprender a tocar foi retirado de casa por o irmão mais velho se queixar da perturbação que o ruído lhe causava. Amalia e Freud mantiveram uma relação excepcionalmente próxima durante toda a sua vida. Freud escreveu a citação que abre este capítulo a propósito de Johann Wolfgang von Goethe, o grande letrado alemão, de uma geração anterior, mas descreve o próprio Freud com igual precisão. Nas *Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise*, de 1933, diria que «uma mãe só obtém satisfação ilimitada através da sua relação com um filho: é, de todas as relações humanas, a mais perfeita e isenta de ambiguidade».

Apesar deste início pouco prometedor em Viena — cidade que ganhou a afeição de Freud que, já no fim da vida, a descreveria como «uma prisão», mas «que ainda amo» — Freud chegou ao limiar da idade adulta cheio de ambição e aspirando à grandeza. Academicamente talentoso, a confiança na própria capacidade de conseguir feitos notáveis era alimentada pela adoração e apoio inequívocos da mãe, que organizara a família de modo a dar ao seu «Sigi de ouro» as melhores

oportunidades de prosperar. Como lembraria muitos anos mais tarde, aos 18 anos tinha «uma premonição de uma missão futura», e de que «poderia, no decurso da minha vida, contribuir para o conhecimento humano».

PODER AO *OUTSIDER*

«...como Judeu, estava preparado para me juntar à Oposição e renunciar a um acordo com a maioria.»

SIGMUND FREUD, 1926

Se alguns indivíduos alcançam a grandeza dentro do pensamento dominante, Freud faz parte do grupo dos que constroem a sua reputação questionando a ortodoxia. A sua grandeza, pode dizer-se, deve-se a ter conseguido convencer o mundo a aceitar tanto as suas teses heterodoxas como as ortodoxas.

O sentimento de ser um *outsider* começou cedo nos círculos sociais em que circulava em Viena, e tinha duas causas principais. A primeira era económica. Como vimos, ao longo de toda a sua infância, os Freud encontravam-se numa situação económica difícil, e viviam numa das zonas mais pobres de uma cidade onde se encontravam bairros enormemente opulentos — particularmente dado o estatuto de Viena como joia da coroa do Império Austro-Húngaro. Embora Freud vivesse lado a lado com ricos e poderosos, só podia olhar para esse mundo a partir de fora, mas nunca

participar nele verdadeiramente. Embora esta não fosse uma posição confortável de se ocupar, deu-lhe liberdade para criticar o mundo que via.

A segunda causa era a sua ascendência judaica. O antissemitismo estava em alta na Europa na segunda metade do século XIX, e grassava em Viena enquanto Freud lá viveu. De facto, é provável que Freud tenha mudado o nome de Sigismund para Sigmund, aos vinte e poucos anos, em parte porque Sigismund era o nome genérico que se usava nas anedotas sobre judeus. Além disso, um dos momentos mais marcantes da infância de Freud ocorreu quando este tinha 12 anos e ouviu o pai relatar um ataque antissemita de que tinha sido vítima anos antes. Jacob vivia então na Galícia, na Polónia, antes de se mudar para Freiberg. Estava a andar pela rua quando um homem cristão se aproximou dele e lhe derrubou o chapéu, gritando-lhe: «Judeu! Fora do passeio!» Freud perguntou ao pai como reagira a esta ofensa, ao que Jacob respondeu que não fizera nada, a não ser ir para o meio da estrada para apanhar o chapéu caído.

Esta revelação inspirou em Freud emoções mistas. Por um lado, provocou-lhe um profundo desapontamento por o pai não se ter defendido. Por outro, atijou as chamas de um sentimento de injustiça perante o facto de ser considerado aceitável que uma pessoa tratasse outra desta forma apenas por ser de origem judaica. Mas também o deixou com uma convicção avassaladora de que, para suceder na vida, teria de o fazer nos seus próprios termos. Não ia procurar a aprovação dos outros na sua missão de alargar o conhecimento humano, nem se deixaria prender por formas de pensar que lhe fossem impostas. Excluído do acesso à plenitude das oportunidades sociais, viu aí uma oportunidade de desafiar

os pressupostos complacentes da sociedade. Como escreveria em 1926:

[...] é apenas à minha natureza judaica [...] que devo duas qualidades que se tornaram indispensáveis no árduo curso da minha existência. Por ser judeu, estava isento de muitos dos preconceitos que toldam a outros o exercício do seu intelecto; e como judeu estava preparado para me juntar à Oposição, e renunciar a um acordo com a maioria.

Não se pode dizer que a Freud gostasse do seu estatuto de *outsider*. A pobreza das suas origens familiares despertou-lhe o desejo de ganhar dinheiro suficiente para evitar problemas financeiros ao longo da vida, e também nunca deixou de se enfurecer com o antisemitismo. Podemos perceber a sua frustração face à falta de aceitação social na resposta a uma conferência que deu na Sociedade Psiquiátrica de Viena, numa fase inicial da sua carreira. Em 1896, Freud escrevia ao seu grande amigo à época, Wilhelm Fliess que a palestra «teve uma receção fria por parte dos asnos e uma avaliação estranha de Krafft-Ebing [Richard von Krafft-Ebing, outro psiquiatra austro-húngaro]: “Isto soa-me a conto de fadas científico.” E isto depois de alguém lhes ter demonstrado a solução de um problema milenar... Podem ir para o inferno, eufemisticamente falando».

No entanto, Freud também reconhecia que a sua posição, o seu olhar de fora para dentro, era um elemento central da sua identidade que lhe permitira trilhar caminhos intelectuais em que outros talvez temessem aventurar-se. A confiança que ganhou, graças à aceitação e ao incentivo

dos seus interesses por parte da mãe, garantiu que nunca se vergasse à pressão exercida pela falta de aceitação por parte de outros. Em vez disso, usou o seu estatuto de *outsider* para criticar corajosamente muitas das ideias comumente aceites do seu tempo e para experimentar formas de pensar verdadeiramente escandalosas.

É considerado o pai da psicanálise e pioneiro daquilo que a psicologia e a psiquiatria haveriam de ser na idade moderna.

Foi um dos grandes pensadores da sua época e mudou, para sempre, a forma como encaramos a mente humana.

**DESCUBRA TUDO O QUE PODE APRENDER COM FREUD,
A SUA VIDA E OS PENSADORES QUE O SUCEDERAM.**

Sigmund Freud é uma figura tudo menos consensual. Através do seu trabalho sobre a mente, a sexualidade e o desenvolvimento da psique humana, quebrou inúmeros tabus tanto da medicina como da psicologia. É conhecido não só pelos numerosos conceitos que introduziu no léxico popular, como os de id, ego ou superego, que até hoje nos ajudam a perceber o nosso comportamento, mas também pelo seu desenvolvimento da psicanálise, um método de terapia ainda amplamente utilizado.

Hoje, o legado de Freud é contestado pela comunidade científica, mas a sua influência no pensamento ocidental continua tão presente como no seu momento de maior expressão, quando o seu vulto era incontornável junto das comunidades médica e intelectual na Europa.

AO CONTAR A HISTÓRIA DE VIDA DE FREUD, E AO ANALISAR OS SEUS ESCRITOS, ESTE LIVRO ENSINA A OLHAR A MENTE HUMANA TAL COMO O FAZIA UM DOS SEUS MAIORES INTÉRPRETES DE SEMPRE, E PODE AJUDÁ-LO A:

Interpretar os sonhos • Perceber as fases de desenvolvimento da mente
Perceber as pulsões de vida e de morte • Compreender a sexualidade
Entender o complexo de Édipo • Deixar um legado • Acreditar na intuição
Aceitar os desafios como forma de desenvolvimento pessoal

 com todas as letras 20 20 editora	ISBN 978-989-668-424-2  9 789896 684242 Biografia/Memórias
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------